

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA - LICENCIATURA

HÉLBER AUGUSTO CARNEIRO VIEIRA

**DE QUE FORMA A ESCOLA BÁSICA TEM PROJETADO SEU SUJEITO NA
ESCOLHA PROFISSIONAL?**
UMA PERSPECTIVA A PARTIR DE ENTREVISTAS COM INGRESSANTES DE
2019 NO CURSO DE PEDAGOGIA DA UFRGS.

PORTO ALEGRE
2019

HÉLBER AUGUSTO CARNEIRO VIEIRA

**DE QUE FORMA A ESCOLA BÁSICA TEM PROJETADO SEU SUJEITO NA
ESCOLHA PROFISSIONAL?
UMA PERSPECTIVA A PARTIR DE ENTREVISTAS COM INGRESSANTES DE
2019 NO CURSO DE PEDAGOGIA DA UFRGS.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Pedagogia – Licenciatura da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Licenciado em Pedagogia.

Orientadora:
Professora Doutora Laura Souza Fonseca

PORTO ALEGRE
2019

HÉLBER AUGUSTO CARNEIRO VIEIRA

**DE QUE FORMA A ESCOLA BÁSICA TEM PROJETADO SEU SUJEITO NA
ESCOLHA PROFISSIONAL?**
UMA PERSPECTIVA A PARTIR DE ENTREVISTAS COM INGRESSANTES DE
2019 NO CURSO DE PEDAGOGIA DA UFRGS.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Curso de Pedagogia – Licenciatura da
Universidade Federal do Rio Grande do Sul,
como parte dos requisitos necessários à
obtenção do título de Licenciado em Pedagogia.

Orientadora:
Professora Doutora Laura Souza Fonseca

Aprovado em ____ de _____ de 2019.
Conceito Atribuído ____.

BANCA EXAMINADORA:

Prof^a. Doutoranda Daniele Cunha

Prof. Dr. Rafael Arenhardt

PORTO ALEGRE
2019

AGRADECIMENTOS...

À minha mãe, que sempre esteve presente durante minha graduação, presente em meus dilemas e conflitos, me ajudando com tudo o que estava em seu alcance e até mesmo, o que para alguns, não estaria em seu alcance.

Ao meu pai, por suas convicções e seus conselhos, pelo exemplo de honestidade, que contribuiu muito para a formação do meu caráter e me ajudou a alcançar o que tenho alcançado.

Ao meu irmão, que muitas vezes me distraiu com brincadeiras em meio a preocupações, me proporcionando levezas.

Aos meus amigos, que também contribuem com minhas realizações, dividindo comigo diferentes conflitos existenciais. Devido também às suas inquietações que este trabalho se tornou relevante para ser construído.

À minha namorada, que foi muito importante na conclusão deste percurso, me motivando, dando força e proporcionando a mim, momentos únicos que me trouxeram paz para a conclusão dessa etapa.

Às/aos estudantes que contribuíram para a construção desse trabalho, se disponibilizando em participar das entrevistas que trouxeram reflexões pertinentes ao tema que me propus a trabalhar.

À minha orientadora Laura Fonseca por aceitar orientar meu trabalho e contribuir fortemente para reflexões a respeito do mesmo.

À Universidade Federal do Rio Grande do Sul que em meio a tantos caminhos incertos perante o futuro, se manteve acessível para mim, me proporcionando e me moldando em diversos âmbitos da minha vida.

*“O caminho muda, e muda o caminhante
É um caminho incerto, não um caminho errado
Eu, caminhante, quero o trajeto terminado
Mas, no caminho, mais importa o durante
Deixei pegadas lá no vale da morte
Um solo infértil aos meus muitos defeitos
Minha vida alargou-se em caminhos estreitos
E eu vi você
A Partida
E o Norte”*

Estevão Queiroga

RESUMO

O presente estudo aborda a relação entre escolas de educação básica e a escolha profissional a partir de entrevistas com 6 ingressantes no curso de Pedagogia da UFRGS, visando perceber a projetividade que a instituição educacional realiza sobre essa decisão. Nele também surgem questões pertinentes à temática, como a formulação da nova BNCC, o próprio tema da escolha profissional, no que tange à sua importância, e programas oferecidos pelas universidades que focam na aproximação das instituições de educação superior e a comunidade de educação básica. Para evidenciar as inquietações sobre o quanto a escola básica projeta ou não indivíduos na escolha profissional, foram realizadas entrevistas abertas, cujo o objetivo era levantar o maior número de questões referentes à decisão profissional que contribuíram para reflexões referentes ao assunto. Percebo, por intermédio da pesquisa, que apesar da subjetividade na escolha, a escola tem se mostrado negligente com suas/seus estudantes, devido a diferentes fatores como: a falta de recursos – no caso da escola pública – a visão seletista sobre determinados cursos e a falta de empatia sobre a decisão dos sujeitos. As entrevistas levantaram possibilidades do que as escolas podem executar para darem suporte na escolha profissional. A reflexão no texto demonstra a importância do tema na vida das/os estudantes da escola básica e o quanto a empatia da escola sobre o assunto pode fazer diferença e diminuir em alguma medida essa difícil decisão na vida de cada jovem.

Palavras-chaves: Escolha Profissional, Educação Básica, Programas Universitários, Base Nacional Comum Curricular, Pedagogia.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
2 METODOLOGIA	10
3 CONSIDERAÇÕES SOBRE O UFRGS PORTAS ABERTAS	14
4 E A (CONTRA)REFORMA DO ENSINO MÉDIO?	17
5 ESCOLHA PROFISSIONAL E SUA COMPLEXIDADE	20
6 EXPOSIÇÃO E ANÁLISE DAS ENTREVISTAS	23
6.1 A ESCOLHA PROFISSIONAL NA ESCOLA PÚBLICA E PRIVADA	24
6.2 PROGRAMAS DE UNIVERSIDADES E SUA IMPORTÂNCIA	26
6.3 A FALTA DE MOTIVAÇÃO NA ESCOLHA PROFISSIONAL E A SOBREPUJAÇÃO DE PROFISSÕES	28
6.4 POSSIBILIDADES PARA AS ESCOLAS	31
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS SOBRE A PESQUISA	34
REFERÊNCIAS	37
ANEXO	39

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho investiga e analisa os mecanismos utilizados pela escola básica para a projeção da/do educando em suas escolhas profissionais. Essa ânsia por descobrir tal movimento vem de minha experiência como estudante da escola básica. Já que a escola em que estudei me forneceu pouco ou quase nenhum apoio na perspectiva de escolha profissional. Um segundo fator que me levou ao tema se relaciona à minha trajetória acadêmica, uma vez que observei muitos colegas e conhecidos mudarem de curso, sem saberem o que querem cursar e qual a profissão que almejam exercer. O interesse também é fruto de minha preocupação como futuro profissional do ensino, que pensa a educação de forma a refletir sobre como a escola pode auxiliar os seus alunos em suas escolhas profissionais. Esses anseios despertaram a minha dúvida sobre o papel que a escola está tendo, atualmente, nessas escolhas uma vez que tenho a percepção de que as instituições de educação básica podem e devem se preocupar em auxiliar o aluno em sua escolha profissional – sanando dúvidas, apresentando os cursos de graduação, levando conhecimentos sobre os campos e as áreas de atuação e outras possíveis orientações.

Sabemos que, assim como afirma (RODRIGUES, 1995, p.52) “[...] a complexidade crescente da sociedade possibilita uma gama diversificada tanto de oportunidades profissionais quanto cursos [...]”, e entendo que com essa complexidade, mais dúvidas surgem nas/nos estudantes que estão saindo do Ensino Médio para escolherem as suas futuras carreiras, transformando esse importante momento em um dos mais conflitantes e frustrantes para um jovem. Acredito que, mesmo com essa complexidade crescente, a escola tem se preocupado pouco com os futuros ingressos do mercado de trabalho – não só pela graduação, mas também pelo ensino técnico e ensino profissionalizante. Tenho a suspeita de que, com o auxílio da escola, as/os estudantes podem ter mais assertividade em sua escolha profissional, saciando alguns anseios sobre essa etapa da vida.

Estou ciente de que existem subjetividades nas escolhas profissionais, afinal, o motivo que me leva a optar por um determinado curso não é o mesmo que leva outra pessoa a ter uma escolha similar ou diferente da que tive. A minha preocupação é com aqueles alunos que não possuem quaisquer orientações sobre as suas escolhas profissionais, ficando à “*mercê*” do destino. De acordo com (RODRIGUES, 1995, p 10) “[...] o processo não é mágico. Se fosse, não haveria necessidade de informações e

reflexões” e, logo, quanto mais mecanismos dispormos aos alunos para auxiliá-los em suas escolhas profissionais, mais assertivas e menos frustrantes elas serão. Há quem diga que tal decisão é tomada muito cedo e que os egressos do Ensino Médio não são maduros o suficiente para ela, todavia, devemos entender que, independente de ser precoce ou não, essa decisão tem que ser tomada e quanto mais elementos puderem contribuir para isso, menor a probabilidade de frustrações que esses indivíduos terão futuramente.

Outra questão que esse tema me exige pensar é a (contra)reforma¹ do Ensino Médio, uma vez que traz uma proposta ainda mais superficial relacionada à formação profissional do educando. Entendo por “superficial” o modo que ela foi aprovada, que impõe ao estudante uma escolha precoce sobre a sua futura profissão: se a decisão de alguém que está se formando no Ensino Médio já é insegura, a do adolescente que está ingressando nessa etapa será ainda mais. Para tal reflexão, analisarei a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que entrará em vigor em 2020, e procurarei nela questões a serem levantadas e observadas com demasiado cuidado.

¹ Embora, oficialmente, a MP746 seja denominada de “Reforma” do Ensino Médio, a classe docente rebatizou o projeto para “(Contra)Reforma” por considerar a sua aprovação um retrocesso (algo contrário) no que diz respeito a Educação de qualidade.

2 METODOLOGIA

Mediante a escolha desse tema, iniciei o trabalho com uma revisão de produção acadêmica discente no Lume (repositório digital da UFRGS). Nela, busquei por Trabalhos de Conclusão de Cursos, dissertações e teses com a finalidade de descobrir o quanto se tem produzido sobre a educação e a escolha profissional, ou, mais especificamente, sobre a importância da escola nesta decisão. Esse levantamento foi feito com a utilização do que Gomes (2009) chama de “descritores”, me permitindo encontrar textos que tragam contribuições para minha escrita. Também a partir de Gomes (2009) que tivemos a ideia da construção de tabelas que sistematizem a busca por produções acadêmicas de discentes.

Inicialmente, pesquisei na barra “assunto” da sessão de “Teses e Dissertações” do Lume da UFRGS pelas palavras-chaves “escolha profissional” e “educação”, não obtendo resultados. Substituí, então, a palavra “educação” por “escola” – ficando com “escolha profissional” e “escola” –, novamente sem sucesso. O mesmo aconteceu quando utilizei “Ensino Médio” no lugar de “escola” ou de “educação”. Alterei o descritor “escolha profissional” para “mercado de trabalho” e consegui captar resultados. Quando utilizei o descritor “mercado de trabalho” somado ao termo “educação” foi me apresentado sete trabalhos – todavia apenas três possuíam o descritor “educação” (nos demais, continham apenas o descritor “mercado de trabalho”). Os três textos que aparecem “mercado de trabalho” e “educação” são dissertações de mestrado que foram realizadas nos anos de 2002, de 2003 e de 2015, apenas um mencionava a educação básica, mais especificamente do ensino politécnico, e mesmo mencionando a educação básica, o texto não conversava com a escolha profissional pelos indivíduos. Os demais tratavam da área de Engenharia de Produção em relação ao ensino técnico e profissionalizante,

A pesquisa feita usando os descritores “mercado de trabalho” e “escola” me apontou outros três resultados, que também se tratavam de dissertações que se referiam à escola técnica e não me foram úteis às reflexões. Outro texto que surgiu, foi quando coloquei “mercado de trabalho” e “ensino médio”, esse mesmo texto surgiu quando pesquisei “mercado de trabalho” e “educação”, não me servindo para reflexões sobre a escolha profissional na educação básica. As últimas tentativas de obter mais resultados foi quando coloquei ao lado de “mercado de trabalho” e “escolha

profissional, o descritor “Pedagogia”, porém também não obtendo resultados. Segue tabela abaixo que sistematiza a pesquisa e os resultados encontrados:

Teses e Dissertações

Descritores	Resultados
Escolha profissional e educação	Nenhum resultado.
Escolha profissional e escola	Nenhum resultado.
Escolha profissional e ensino médio	Nenhum resultado.
Mercado de trabalho e educação	7 resultados.
Mercado de trabalho e escola	3 resultados.
Mercado de trabalho e ensino médio	1 resultado.
Mercado de trabalho e Pedagogia	Nenhum resultado.
Escolha profissional e Pedagogia	Nenhum resultado.

O Interessante de se observar é o surgimento de resultados apenas quando colocado o descritor “mercado de trabalho” ao lado de qualquer outro descritor, ou seja, às teses e dissertações aparentam estar focadas na relação que a educação tem com o mercado de trabalho. Por esse motivo, quase nenhum dos resultados pude usar na escrita, por meu foco ser nessa escolha do indivíduo por determinada profissão e como ela se dá no âmbito da educação básica.

Terminada a busca na sessão de “Teses e Dissertações”, iniciei um segundo momento de pesquisa por revisões acadêmicas de discentes. Ainda no repositório virtual da UFRGS, segui para a sessão de “Trabalhos Acadêmicos e Técnicos” e utilizei os mesmos descritores da pesquisa feita na primeira etapa. Obtive menos resultados do que a pesquisa anterior: ao colocar “escolha profissional” e “educação”, consegui um TCC que tem a ver com o Programa Mais Educação e a satisfação do profissional nessa área, porém não visa explicar sobre a escolha profissional e a escola de educação básica.

Segui então para os descritores “escolha profissional” e “escola”, “escolha profissional” e “ensino médio”, mercado de trabalho” e “educação”, “mercado de trabalho” e “escola”, “mercado de trabalho” e ensino médio”. A única busca dessas que gerou resultados foi a que possuía os descritores “mercado de trabalho” e “educação”, todavia foram três textos que não tinham a ver com o meu tema de

pesquisa e apenas citavam os descritores em algum momento da argumentação – como, por exemplo, um dos TCC's em que “educação” surge como “Educação Física”.

Diante desses resultados, efetuei uma última busca utilizando o descritor “Pedagogia” ao lado de “escolha profissional” e de “mercado de trabalho”. Como resultado de “escolha profissional” com “Pedagogia”, o Lume encontrou o TCC feito no ano de 2013 pela Marina Richter Duarte e cujo tema foi “a escolha profissional pelo curso de pedagogia”. Embora não tenha o intuito de abordar a escola básica e a escolha profissional, Duarte (2013) teve como objetivo analisar as motivações das/dos estudantes de Pedagogia em sua escolha pelo curso, me servindo como auxílio para algumas reflexões e para estruturar o texto. Ao ler as análises da autora e constatar que não há menções de quaisquer influências escolares para essa decisão, concluí ser relevante o tema dos mecanismos utilizados pela escola básica para auxiliar seus alunos na escolha profissional. Segue tabela de sistematização dessa pesquisa:

Trabalhos Acadêmicos e Técnicos

Descritores	Resultados
Escolha profissional e educação	1 resultado.
Escolha profissional e escola	Nenhum resultado.
Escolha profissional e ensino médio	Nenhum resultado.
Mercado de trabalho e educação	3 resultados.
Mercado de trabalho e escola	Nenhum resultado.
Mercado de trabalho e ensino médio	Nenhum resultado.
Mercado de trabalho e Pedagogia	Nenhum resultado.
Escolha profissional e Pedagogia	1 resultado.

A ausência de produções acadêmicas sobre o assunto também evidencia a falta de sensibilidade com a temática, ou falta de preocupação. Esse tema é importante no dia a dia do indivíduo, pois toca num ponto crucial na vida de qualquer um, a profissão que irá exercer ao longo da vida ou boa parte dela. Como se dá essa decisão durante a escola básica? Será que a escola não tem nenhum papel fundamental? Sendo que essa decisão geralmente é cobrada no final do Ensino Médio.

Soares (2002) afirma que “Os jovens sentem-se desamparados em relação a escola, já que está não responde, na maioria das vezes, as suas necessidades de

participação no mundo social, político e econômico”. Essa afirmação corrobora para demonstrar que os jovens da educação básica não são contemplados em diferentes âmbitos de suas vidas, e a escolha profissional é um desses.

Feito o levantamento de produções acadêmicas, iniciei a segunda etapa deste trabalho: a coleta de dados. Num primeiro momento optei pelo grupo focal como técnica para coletar esses dados, que é feito “por meio das interações grupais ao se discutir um tópico especial sugerido pelo pesquisador.” (MORGAN apud SÔNIA, 2003), porém, ao tentar reunir um grupo para interação sobre o assunto, obtive um entrave. Entrave esse que surgiu pela falta de tempo do grupo, pois poucos podiam estar disponíveis em horários iguais, o que acabou me deixando claro que não seria viável realizar a pesquisa por meio dessa técnica, já que se tratando de grupo focal, todos teriam que estar presentes, assim como afirma Morgan (apud SÔNIA, 2003): “A unidade de análise do grupo focal, no entanto, é o próprio grupo. Se uma opinião é esboçada, mesmo não sendo compartilhada por todos, para efeito de análise e interpretação dos resultados, ela é referida como do grupo.”

Constatando essa impossibilidade na produção de dados para a pesquisa por meio da técnica de grupo focal, a pesquisa seguiu por meio de entrevistas abertas, em que “[...] o entrevistado tem liberdade para discorrer sobre o tema sugerido” (BONI; QUARESMA, 2005, p.74), pois acredito que dessa forma as/os entrevistadas/os tiveram condições mais adequadas para contribuir com a temática. O clima informal fez com que surgissem questões relevantes, que serão analisadas posteriormente, e que acredito que não surgiriam em uma entrevista formal ou em um questionário.

As entrevistas foram realizadas com seis estudantes ingressantes no curso de pedagogia da UFRGS que se propuseram a participar e contribuir com a pesquisa e feitas de forma individual ou em duplas. Escolhei estudantes do primeiro semestre por acreditar estarem mais próximos do momento de escolha profissional, por terem tomado essa decisão mais recentemente. Esses encontros com as/os educandas/os foram feitos no entorno da Faculdade de Educação da UFRGS e cada entrevista teve em média uma duração de 14 minutos, em que as/os participantes, após a pesquisa, assinavam um termo permitindo a utilização de suas falas para futuras reflexões (ANEXO I).

3 CONSIDERAÇÕES SOBRE O UFRGS PORTAS ABERTAS

Separei o presente capítulo para abordar o UFRGS Portas Abertas por ser um programa com a ideia de apresentar a funcionalidade da universidade para a comunidade escolar, visando aproximar as duas instituições. Também por acreditar ser importante defender programas como esse e outros, como: programas de extensão da universidade, o programa “Por dentro da UFRGS”, entre outras iniciativas das universidades federais que visam a aproximação nesse sentido com a educação básica. Procuo refletir sobre o Portas Abertas da UFRGS também por sua abrangência e pela familiaridade que tenho com o programa, por ter frequentado o mesmo.

A UFRGS define, em seu site, o UFRGS Portas Abertas como um programa que “[...] integra Universidade e comunidade e mostra aos futuros alunos o que faz em ensino, pesquisa e extensão. O evento é gratuito e aberto a todos os interessados”. Apesar de ter a proposta de aproximar da universidade as/os futuras/os ingressantes, o UFRGS Portas Abertas pode ser o único momento em que as/os estudantes da escola pública têm a possibilidade de conhecer a universidade e as suas ofertas de cursos – consequentemente, o único contato com as possíveis futuras carreiras. Menciono a escola pública pelo programa ser gratuito e oferecido a todo tipo de público, proporcionando as/os estudantes de escolas públicas possibilidade de participação, entretanto constatei através de observações sobre o UFRGS Portas Abertas, a falta de presença da escola pública no programa.

Não encontrei dados que mostrem a presença de escolas privadas e públicas no programa, mas como afirmei anteriormente, observei maior presença de escolas particulares. Por essa razão, ao se focar nas/os futuras/os estudantes ingressantes (ou seja, claramente estudantes que já demonstram identificação ou apreciação por determinado curso), se torna difícil de acreditar que um sujeito indeciso ou que não tenha um curso específico em mente seja contemplado.

Durante a realização do UFRGS Portas Abertas em 2018, cerca de 12 mil pessoas passaram pela universidade e tiveram a possibilidade de interagir com 1.095 atividades oferecidas pela UFRGS, segundo o site do programa. Entrei em contato com a Instituição de Ensino Superior (IES) e, segundo ela, as escolas agendaram um total de 8.261 alunos para o comparecimento das oficinas. Para analisar a relevância deste número, comparamos ele com os dados do Censo Escolar de 2018 coletados

pelo Instituto Nacional de Ensino e Pesquisa (INEP). Tal Censo nos mostra que, no Rio Grande do Sul, houveram 338.065 matrículas na etapa do Ensino Médio – sendo 38.979 alunos matriculados no município de Porto Alegre. Com esses valores, podemos perceber que cerca de 21,1% das/dos estudantes do Município de Porto Alegre foram agendados para visitar o programa (sem contar os municípios próximos à capital, que também poderiam ter facilidade para comparecer ao evento). Comparando o número de agendamentos com o Censo do Rio Grande do Sul, o valor se equivale a 2,4% do total de estudantes matriculados no Ensino Médio em 2018.

Percebo, ao observar e comparar esses dados, que apenas um programa não é capaz de suprir todos os anseios que existem na escolha profissional e, também, que ele não é capaz de comportar o número de estudantes matriculados na Escola Básica. Tenho ciência da grande dificuldade de distanciamento que existe entre as localidades do Rio Grande do Sul. Bem como sei da existência de outros projetos que vislumbram aproximar a universidade e a comunidade - como mencionado no início do capítulo - mas me propus a refletir sobre tal programa pelo fato de ele ser o mais próximo de minha vivência.

Apesar de procurar fazer um recorte de análise sobre o Ensino Médio, defendo que, desde os Anos Finais do Ensino Fundamental, haja uma aproximação mais concreta e efetiva com a universidade e com as outras modalidades de educação profissional. Isso porque, segundo Sarriera, Câmara e Berlim (2006, p.34), “é na adolescência que precisamente emergem as dificuldades (e soluções) frente a definição vocacional” e, de acordo com a Lei 8.068, de 1990, do Estatuto da Criança e do Adolescente, a adolescência corresponde dos 12 anos até aos 18 anos de idade, logo, é essencial fazer com que esses indivíduos da Escola Básica tenham ciência da diversidade de escolhas que possuem no que tange a carreira profissional.

Observo que se eu estendesse para o Ensino Fundamental essas considerações referentes às matrículas – uma vez que defendo a inclusão do mesmo na discussão – os números apresentados iriam crescer. Diante disso, se torna perceptível/observável que a escola precisa proporcionar às/aos suas/seus educandas/os mais momentos de aproximação com a universidade e possibilidades profissionais do que é realizado atualmente. Usufruir mais dos programas que a universidade disponibiliza. Se a instituição escolar se coloca como responsável por uma formação integral, de acordo com o Art. 2º da LDB (Lei no 9.394/1996), a

educação “tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando”, ela necessita ter esse olhar voltado a esse tipo de anseio das/dos educandos.

4 E A (CONTRA)REFORMA DO ENSINO MÉDIO?

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC), como exposto na apresentação de sua última versão publicada em 2017, é a base da aprendizagem do Ensino Básico. Ela determina os conteúdos mínimos necessários a serem trabalhados ao longo das três etapas escolares: Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio. Em razão deste documento sustentar questões essenciais da reformulação do Ensino Médio, trarei algumas reflexões sobre ele e a sua versão final, explorando alguns prejuízos que noto ter em relação ao modelo anterior de Ensino Médio.

Começando seu debate em 2009 de acordo com o site do Movimento Pela Base Nacional Comum, a (Contra)reforma do Ensino Médio gerou muitas discussões que fizeram-na passar por três versões, desde que entrou em 2014 no Plano Nacional de Educação, (de 2015, de 2016 e de 2017). Um dos debates a seu respeito foi em função do modo ao qual a reformulação foi colocada em vigor: ela tramitou pelo congresso como um projeto de lei – projetos legislativos nos quais há amplos debates, após tendo seus destinos finalizados com a aprovação (com ou sem modificações) ou com a rejeição do mesmo – até ser engavetado, no ano de 2016, pelo governo interino de Michel Temer. Em seu lugar, o governo cria uma medida provisória – que dá um caráter de urgência para um projeto, permitindo a sua aprovação sem grandes debates. Em outras palavras, com algumas modificações, o projeto de lei de reformulação do Ensino Médio ressurgiu como uma medida provisória e, assim, foi aprovado rapidamente. Em razão da falta de debate durante a sua formulação, a reforma foi apresentada com muitas dúvidas e questões não esclarecidas por parte do governo.

O Ensino Médio que buscarão implementar até 2020 possui uma proposta de itinerários formativos para além da BNCC. Isso quer dizer que dentre os cinco caminhos de formação encontrados na última versão da BNCC (Linguagens e suas tecnologias, Matemática e suas tecnologias, Ciências Naturais e suas tecnologias, Ciências Humanas e Sociais Aplicadas e Formação Técnica e Profissionalizante), as/os educandas/os poderão escolher o de sua preferência e, com isso, direcionar os seus estudos – uma vez que cada itinerário prioriza uma área do conhecimento.

A BNCC defende que estes itinerários deverão servir para que a escola proporcione às/aos estudantes a construção do seu projeto de vida. Notamos que com “projeto de vida”, o texto está se referindo ao ofício como a finalidade básica da

formação no Ensino Médio – algo que acredito trazer uma perspectiva limitada sobre a educação. Segundo Castel (1998, 37) “[...] o trabalho permanece como referência dominante não somente economicamente, mas também psicologicamente, culturalmente e simbolicamente, fato que se comprova pelas reações daqueles que não o tem”, e nessa perspectiva, o trabalho não pode ser visto como o objetivo final de uma formação, mas, sim, estar presente no processo formativo – o que significa que a preocupação quanto ao trabalho deve estar permeando toda educação. O que podemos perceber também, a partir desse trecho de Castel (1998), é que o trabalho vai além da esfera econômica exercendo influência sobre a conjuntura social do ser (o que comprova sua importância na formação do educando).

Quando afirmo que o Novo Ensino Médio terá por finalidade o mercado de trabalho, isso se deve, além de seu conteúdo, ao fato do texto deixar questões em aberto. A BNCC não se preocupa em esclarecer o como se darão processos como, por exemplo: se o educando escolher um determinado itinerário formativo e mudar de ideia ao longo do Ensino Médio, o que ocorrerá? Terá que cumprir o itinerário, ou poderá mudar? Outra questão, se o indivíduo mudar de cidade e vai para um lugar onde não tem o itinerário que ele estava cursando, como acontecerá a transferência? Este último questionamento surge pelo fato de que as escolas não precisam fornecer todos os itinerários existentes.

Diante, também, desta não obrigatoriedade de ofertar todos os itinerários existentes na BNCC, como a/o estudante terá a autonomia para escolher o caminho que deseja seguir se a escola em que estuda não fornecer a ele todas as possibilidades de itinerários formativos? Isso me faz refletir sobre a preocupação que a BNCC tenta demonstrar quanto à escolha do estudante, me levando a perceber que tal seleção não é da/do educanda/o, mas, sim, uma imposição do que a escola escolher como o seu itinerário formativo – pelo menos no que diz respeito à/a/o estudante do ensino público, uma vez que as escolas privadas terão condições para implementar os itinerários que seus clientes solicitarem.

O fato da escolha pelo itinerário formativo ficar à cargo da escola (no caso das públicas) e das/dos educandas/os (no caso das escolas particulares) pode estar ligada a concentração de renda. Afirmo isso uma vez que a escola pública, ao não ter recursos suficientes para propor cinco trajetos de aprendizagens proposto na BNCC, acaba por selecionar os seus itinerários pela sua “promessa” de retorno imediato aos sujeitos (como é o caso da Formação Técnica e Profissionalizante); enquanto o ensino

privado, por ter condições financeiras para propiciar as cinco possibilidades de Ensino Médio, possibilita aos educandos e às educandas a seleção de saberes que os levarão a uma maior rentabilidade no futuro. Tal aspecto distintivo acaba por reproduzir as desigualdades sociais já existentes no âmbito profissional, mantendo os pobres em profissões menos rentáveis e os ricos nas profissões com maior rentabilidade. Tal aspecto se constitui em uma manutenção das diferenças já constatadas pela Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (PNAD) de 2018, que demonstram uma renda média quase três vezes maior de pessoas com Ensino Superior em relação às que apenas concluíram o Ensino Médio.

A partir dessa reflexão e análise sobre a BNCC e o quanto ela pode impactar na escolha profissional dos educandos e das educandas, afirmo que a (Contra)reforma do Ensino Médio pode, sim, ser um desserviço para a sociedade à medida em que aumenta suas desigualdades sociais ao possibilitar que diferentes instituições de ensino direcionem e influenciem na escolha profissional de suas e de seus estudantes, contradizendo, assim, o discurso de “Projeto de vida” que a própria BNCC defende. Fica evidente que esse tipo de entrave surge pelo seu problema original: uma vez que houve pouca discussão sobre a sua implementação, se deixou uma série de brechas podem ir além do abordado aqui. Em realidade, somente após a sua total aplicação pelas instituições de ensino é que saberemos as dimensões dos impactos que ela poderá causar, e conseguiremos trabalhar para a sua modificação nos aspectos que se demonstrarem negativos.

5 ESCOLHA PROFISSIONAL E SUA COMPLEXIDADE

Incertezas e questionamentos permeiam a escolha profissional das/dos estudantes das escolas, não somente de estudantes, mas de todas/todos que tomam essa decisão num determinado ponto de sua vida. Assim como Duarte (2013) afirma:

“A escolha profissional pode ser um dos momentos mais conflitantes, incertos e decisivos na vida de um estudante. Para alguns é uma etapa mais fácil, pois já possuem experiências e influências que acarretarão na sua escolha. Para outros, é uma escolha mais complexa, pois ainda têm dúvidas, questionamentos internos, e, frente à determinação social ‘passar no vestibular após o ensino médio, se veem no dever de escolher logo o que seguir nos estudos e conseqüentemente no trabalho, muitas vezes sem tempo de pesquisar suas possibilidades e definir com clareza e segurança seu futuro, tendo em vista que essa é uma das mais importantes decisões na vida do indivíduo”.

Perguntas como “o que você vai ser quando crescer? ”, “que curso vai escolher? ”, permeiam a nossa vida desde a infância até a fase adulta, todavia, é fato que muitas pessoas demoram para trazer respostas convictas para tais questionamentos. Ainda assim, Ferreira (2010) afirma que “a escolha profissional é entendida como sendo um passo importante na vida dos jovens que entram no mercado de trabalho”, e, por essa razão, tal reflexão atravessa e configura nossos pensamentos durante muito tempo, e, quanto mais velhos ficamos, mais inseguros e incertos nos tornamos.

Outro quesito aparece nessa escolha, de acordo com Ferreira (2010), é o imaginário a respeito da profissão: a imagem que criamos a respeito de um profissional de determinada área – muitas vezes não tendo uma compreensão adequada das atribuições da mesma. Se o imaginário é um fator relevante para a escolha de carreira, de quem é a responsabilidade por fornecer informações que ajudem os jovens a realizá-la de forma consciente? Defendo que esse papel também é da escola. É nela que deveria ocorrer o pleno desenvolvimento das/dos educandas/os, de acordo com a Leis e Diretrizes Curriculares, sendo, por essa razão, o ente capaz de inspirar, instigar e espalhar as informações a respeito de cursos e profissões. Como afirma Motta (2016):

“A sociedade moderna tornou-se um lugar inóspito para a escolha profissional. A grande mobilidade das funções, ou a vida muito curta de funções devido ao desenvolvimento tecnológico, aliado às crises que acompanham a juventude tem dificultado muito o ato específico de se escolher uma profissão numa sociedade em constante movimento.”

Essa sociedade de constantes mudanças torna incertas as escolhas profissionais, uma vez que algumas profissões estão sendo extintas e substituídas por equipamentos ou programas tecnológicos. Ou seja, antes mesmo da escolha profissional, já se tem as incertezas da empregabilidade da profissão que escolher. De acordo com BASTOS (2011, p. 105 apud NOGUEIRA, 2017, p 36):

“O desemprego tecnológico refere-se à redução do número de trabalhadores decorrente da aplicação da tecnologia tradicional ou das inovações, na medida em que elas representam racionalização dos processos produtivos e aumento da produtividade de trabalho, sem que haja uma necessária contrapartida em termo de incremento na demanda de trabalho”

O desemprego estrutural ou tecnológico, como Nogueira (2017) menciona, faz parte do movimento do capitalismo, de seu funcionamento. Essa substituição pela tecnologia é evidenciada no seguinte trecho:

“[...] O autosserviço cresce rapidamente. Os empregos estão sendo terceirizados para os clientes, e as pessoas são instadas a usar sites na internet em vez de canais diretos de comunicação, e terminais de pagamento automático em vez de caixas registradoras operadas por seres humanos. O varejo, os serviços de hotelaria, turismo e restaurantes e as firmas de assistência médica têm gasto bilhões de dólares em tecnologia de autosserviço e o investimento está crescendo 15% ao ano. A justificativa das empresas é o “prazer da autonomia dos clientes”; na realidade, trata-se de uma transformação da tarefa em trabalho” Guy Standing (2014, p. 190-191 apud NOGUEIRA 2017, p38)

Esse modo de funcionamento do capitalismo tem gerado uma nova inquietação para o indivíduo: “será que a profissão que eu escolher estará viva no futuro próximo?”. Talvez não haja a possibilidade de se afirmar se determinada área estará

ou não presente nas mudanças da sociedade, porém é possível prever e informar o educando quanto a essas informações. Existe, por exemplo, uma reportagem do site da Exame em que menciona um estudo da *PricewaterhouseCoopers* (PwC) ao qual se apresenta profissões que, possivelmente, estejam extintas até 2030. Profissões como “contador”, “assistente jurídico”, “analistas financeiros”, entre outras carreiras, aparecem com este risco por conta de softwares capazes de ler e reconhecer tendências com o uso de inteligência artificial.

Logo, a medida que o mundo avança tecnologicamente, há a necessidade de outras esferas da sociedade se adequarem. Este movimento de transformações e mutações é constante e, quando um setor social não consegue acompanhar tal desenvolvimento, acaba por ficar na inércia e criando resistência à aceleração em que o mundo se encontra. Com esta resistência, se cria um ciclo vicioso e repetitivo de não avanço: vicioso por ser sempre usado da mesma maneira, sem o movimento de mudança; repetitivo, por reproduzir algo que já não se encontra em adequação com progresso da sociedade.

Noto, assim, que é cada vez mais complexa e complicada a escolha profissional dos indivíduos e, por conta disso, se faz relevante a existência de uma base de informações para que os mesmos possam fazê-la com menos insegurança e mais assertividade. Por esses motivos e por acreditar que a escola pode e deve “[...] formar cidadãos conscientes de seus papéis, prudentes, com princípios éticos e de humanidade, responsáveis [...]” (OLIVEIRA, et al, 2013, p.14) por si e pelo outro, cientes de seu papel na sociedade, é que defendo que ela proporcione a ciência sobre as possibilidades do que as/os estudantes podem exercer no âmbito do trabalho.

A fim de realizar reflexões teórico-práticas a respeito das explicações, experiências e vivências das/dos educandas/os ingressantes do ano de 2019, este capítulo irá apresentar e analisar as entrevistas feitas com estudantes do primeiro semestre do curso de Pedagogia da UFRGS. Não alterei às falas das/dos estudantes de modo a ser fiel com seus dizeres. A seção será dividida em subcapítulos com a finalidade de evidenciar e examinar aspectos importantes e semelhantes que surgiram.

Nas entrevistas, por se tratar de um tema pouco abordado em textos acadêmicos de discentes, adotei o caráter aberto em suas execuções. Isso porque

“A entrevista aberta é utilizada quando o pesquisador deseja obter o maior número possível de informações sobre determinado tema, segundo a visão do entrevistado, e também para obter um maior detalhamento do assunto em questão.” (BONI; QUARESMA, 2005, p. 74).

Durante a explanação, trarei falas das/dos entrevistados que contribuíram para afirmações e levantamentos de aspectos que considere relevantes e de impacto ao assunto abordado. As falas foram permeadas pela experiência, que “[...] é em primeiro lugar um encontro ou uma relação com algo que se experimenta, que se prova” (LARROSA, 2002, p 25) e é por meio dela que as palavras ditas se tornaram relevantes para o aprofundamento referente a temática.

Saliento que se trata de uma pesquisa cuja temática possui pouco referencial teórico específico, sendo o presente trabalho uma introdução a esta discussão. A escolha profissional ser conteúdo (ou não) da educação básica – me referindo ao ensino fundamental e ao ensino médio – é um assunto que não é explorado e visibilizado, sendo a ligação entre ela e a educação feita sempre através das questões relacionadas às escolas técnicas, à educação politécnica e à educação superior. Quando feitas relacionadas a educação técnica e politécnica, as discussões surgem em torno do mercado de trabalho; já quando feitas relacionadas a educação superior, os debates surgem para tratar da escolha profissional.

6.1 A ESCOLHA PROFISSIONAL NA ESCOLA PÚBLICA E PRIVADA

Um dos fatores mais relevantes que surgiu durante as entrevistas foi a diferença entre o ensino público e o ensino privado no que tange o incentivo a escolha profissional. Constatei que as/os estudantes que vieram de escolas privadas frequentaram ou tiveram conhecimento, mesmo que pouco, de programas como o Portas Abertas da UFRGS – que aproximam a comunidade escolar e as universidades. Nesse aspecto, notamos a veracidade das afirmações de Dourado e Bueno (1999) relativas ao uso dos espaços públicos: enquanto o ensino privado está mais presente em esferas públicas (se apropriando do ambiente que é público), as instituições educacionais públicas, em contrapartida se privatizam cada vez mais, no sentido de se privarem do espaço que é público. Essa afirmação também se revela a partir da observação feita no capítulo 3, em que mencionei a falta de presença de escolas públicas no programa Portas Abertas da UFRGS.

Essa diferença referente à importância que o ensino privado dá para a escolha profissional surgiu nas falas dos entrevistados, ficando mais explícita no seguinte trecho: “enquanto a escola pública praticamente não tem debates sobre isso, escolas particulares tu entra no primeiro ano do Fundamental já estão perguntando o que tu quer ser quando crescer, entendeu?”². O relato desta entrevistada revela que o ensino particular demonstra estar mais preocupado com esse tema do que o ensino público. Não venho por meio desta fala afirmar que essa preocupação é positiva, porém, a afirmação exposta me fez pensar sobre a cultura das escolas que temos contato. Uma escola que, no Ensino Fundamental, já possui tal modo de abordagem, acaba demonstrando que é uma escola em que o assunto faz parte de sua cultura organizacional, atravessando, em certa medida, a formação dos sujeitos. Entretanto, até que ponto uma criança de 6 anos, idade mínima para ingressar no ensino fundamental, do primeiro ano do fundamental precisa ser interpelada por essa pergunta? Isso me parece também um excesso por parte dessa instituição privada.

Existem alguns aspectos levantados nas entrevistas que contribuem para que seja dessa forma. A falta de recursos é a causa de entraves que mais emergiu nas entrevistas, como no relato a seguir: “não teve nenhum movimento escolar, até porque era difícil conseguir fazer alguma excursão, era difícil de fazer”, fazendo menção à não participação em programas como Portas Abertas da UFRGS, por parte da escola pública em que estudou, devido à falta de recursos financeiros. “Foi a única vez que

² Não houve alterações nas falas, mantive como foram ditas durante às entrevistas

vi uma motivação, mas foi mais do sindicato Cpers, que daí conseguiram ônibus para levar a gente para algum lugar” relatando a vez que participou de manifestações na época do governo Yeda. Essas duas falas demonstram que dificilmente o ensino público possui recursos capazes de auxiliar os sujeitos nessas excursões às universidades, alguns questionamentos me parecem pertinentes como: Como uma escola terá condições de fazer esse movimento se não há investimento adequado nesta etapa de educação? Se há professoras/es com salários parcelados? Se há situações precárias nas instituições de educação? Se há falta de materiais para fornecer às/aos professoras/es? Em contrapartida, a escola privada se demonstra ter condições de usufruir desse recurso com maior frequência – proporcionando às/aos suas/seus educandas/os informações a respeito do que podem ou não fazer após a conclusão da educação básica.

Em uma entrevista, surgiu o aspecto de negligência por parte da escola pública da/o entrevistada/o quando esta/este foi pedir o certificado de conclusão de curso. Ela/e conta que os próprios professores da escola a/o trataram de forma desestimulante quanto a profissão de professor “ela [escola] até meio que negligenciou a minha escolha porque tipo, quando eu comentei que eu precisava do meu comprovante de conclusão do Ensino Médio, elas [professoras] perguntaram o que eu ia fazer e eu falei ‘Pedagogia’, daí elas ficaram ‘nossa, tu vai fazer Pedagogia’ sabe? Nossa a gente é professor e não aconselhou a gente a fazer Pedagogia, é bem... ‘não faz mesmo’. Então eu não tive nenhum auxílio nesse quesito de escola”. Como podemos notar, não somente a falta de recurso pode ser um fator que faz com que o ensino público não vise a escolha profissional, mas também a própria motivação dos profissionais de educação ou da comunidade escolar. Tal motivação docente pode transmitir às/aos educandas/os apenas uma forma de olhar para determinadas profissões, fazê-los se encantar por alguma área ou, no caso, fazê-los perder a convicção quanto às suas escolhas – isso vai depender de como estes profissionais abordarão a escolha dos alunos, tendo esta abordagem a ver com as suas condições de satisfação na profissão

Percebo assim, que essa diferença entre escolas públicas e privadas serve como produtora e reprodutora de desigualdades sociais. Enquanto estudantes do ensino privado têm um olhar, ainda que despretenhoso, para sua escolha profissional, as/os da rede pública ficam privados de tal olhar uma vez que tendem a ter poucos recursos e a encarar uma comunidade escolar desgostosa com a conjuntura social em que se

encontram. A partir desta percepção, afirmo que a escola pública necessita perceber a importância que essa temática tem na vida das educandas e dos educandos e passe a proporcionar, dentro de suas possibilidades, uma perspectiva do que pode ser a vida pós-formatura no Ensino Médio. Isso porque “[...] é preciso que se tenha uma visão prospectiva, que se possa vislumbrar um futuro e, a partir daí, poder estabelecer estratégias para alcançar os objetivos propostos” (SARRIERA; CÂMARA; BERLIM, 2006, p.34). Em outras palavras, ao proporcionar aos seus sujeitos projetos e debates sobre as escolhas profissionais, a escola pública conseguiria que seus sujeitos – indivíduos que são afetados pela desigualdade – adquirissem certa perspectiva sobre o seu futuro, possam diminuir as suas incertezas e o grau de frustrações quanto ao aspecto profissional.

Outra forma de atingir a visão prospectiva a qual defendo é por meio do conhecimento sobre quem somos. Elaborar atividades que proporcionem às/aos educandas/os o autoconhecimento (levando-os a perceber os seus gostos e desgostos) possibilita uma facilitação das futuras tomadas de decisões. Afirmo isso, uma vez que concordo com Sarriera, Câmara Berlim (2006) que “conhecer-se a si mesmo é poder voltar-se para suas experiências pregressas e com isso reconhecer os acontecimentos no decorrer do seu desenvolvimento que contribuíram para a configuração da pessoa que você é hoje”, logo, este tipo de atividade possibilitará que o *eu* do futuro tenha ciência de suas motivações e do que o compõe como indivíduo, trazendo mais clareza sobre as decisões.

6.2 PROGRAMAS DE UNIVERSIDADES E SUA IMPORTÂNCIA

Apesar da diferença exposta no subcapítulo anterior, das escolas privadas terem condições de trabalhar com a escolha profissional durante a formação básica, constatei que nem as escolas que surgiram nas entrevistas o fazem. Apesar de ser mais frequente do que nas escolas públicas, o tema também é pouco abordado e deixado de lado durante o decorrer da educação básica.

Dentre todas as entrevistas com egressos da rede privada, apenas uma indicou um amplo contato com programas de universidades. Como relata: “a gente foi no da Uniritter, a gente foi no da Unisinos, a gente foi em vários”. Em contrapartida, mesmo

com recursos, nem todas escolas privadas têm a preocupação com a escolha profissional e isso se evidencia nas outras entrevistas com ex-alunos de instituições de ensino privado a partir de falas como: “lembro que teve uma vez, não lembro em que ano específico, mas que fomos na FAPA, eles (escola) eram muito ligados à Uniritter, então eles tentavam levar o pessoal que era estudante de lá para Uniritter”. Neste trecho, se essa/e estudante pontuou o único momento – dentre os três anos do Ensino Médio – em que teve contato com uma universidade, destacando a intencionalidade de sua escola em despertar o interesse dos alunos para a universidade visitada (não aos seus cursos).

Outro tópico comum entre as escolas de educação básica se revela na seguinte fala: “eu não tive muito incentivo no Ensino Médio”. A falta de incentivo foi um relato comum nas entrevistas: independentemente de serem formados pela rede pública ou pela rede privada de educação, a escola pouco se preocupa com o assunto. Em uma das entrevistas com um(a) estudante egresso(a) da rede privada me é relatado que a motivação para a sua escolha pelo curso de Pedagogia foi por causa da escola em que estudou, mas não de forma a motivá-lo a escolher essa profissão – de motivar o gosto pela educação –, mas pelo contrário: “vou entrar na Pedagogia para entender esse sistema de ensino que não me cativou, não cativa muitos alunos e tentar mudar isso, tentar mudar de alguma maneira”, refletiu sobre sua escolha. Em outras palavras, foi motivado pelo inconformismo em relação à educação que obteve durante a sua formação e pela defesa de um projeto de escola.

No que diz respeito à rede pública de educação, é possível observar que existem (ainda que poucas) escolas públicas que tentam mobilizar às/os suas/seus estudantes para conhecerem as universidades. Foi o caso de uma/um entrevistada/o, que conta: “acho que foi no primeiro ano do Ensino Médio que a gente chegou a ir no Portas Abertas, não foi no Portas Abertas, algo do tipo da Uniritter aqui de Porto Alegre. Foi bem legal, mas foi uma vez só e a gente não focava muito assim em vestibular e coisa assim, era mais por uma saída de campo do que uma coisa focada pra isso”. Embora a turma tenha interpretado como uma saída de campo, esse movimento existiu – algo que se mostrou raro nas entrevistas.

Esse movimento de participação das escolas básicas nos eventos públicos com o intuito de apresentar às/aos suas/seus estudantes possíveis futuros, é uma mobilização que se demonstra necessária. Todavia, o objetivo destas saídas de campo não deve ser o direcionamento para um curso ou uma instituição universitária

específica, mas, sim, de apresentar e de familiarizar as/os suas/seus educandas/os sobre o que se espera após a conclusão do Ensino Médio. Quantas dúvidas podem ser sanadas em programas como esses? Quantas incertezas podem ser eliminadas? E o quanto isso pode contribuir para a futura escolha de uma/um educanda/o? As oficinas e apresentações realizadas nestes espaços auxiliam no processo de direcionamento ao proporcionar às/aos estudantes aproximações com os cursos universitários, assim como informações referentes a vida dos profissionais da área de interesse.

Ciente dessa importância de aproximar universidades e escolas, é interessante pensar a respeito de movimentações que surgem nas instituições de ensino superior: programas que levem universitários às escolas para falarem às/aos estudantes de educação básica sobre como é o funcionamento das universidades e como elas/eles podem se preparar para a rotina de estudos que terão. Com isso, a entrada na universidade não será tão imprevisível, prevenindo falas como essa: “ah, eu não tinha nenhuma noção de como funcionava na real, eu entrei, fui andando e descobri sozinha o que era cada coisa”.

6.3 A FALTA DE MOTIVAÇÃO NA ESCOLHA PROFISSIONAL E A SOBREPUJAÇÃO DE PROFISSÕES

Muitos foram os momentos em que as/os estudantes falaram de suas motivações e influências para a escolha profissional, além do quanto sentiram falta da escola nesse processo. Elas/eles indicaram a importância da escola nessa etapa de decisão e a necessidade das instituições se preocuparem com tal continuidade posterior à educação básica.

A importância da escola nessa escolha aparece na seguinte explanação: “querendo ou não tu passa muito tempo dentro da escola, tu passa oito anos e não sabe o que te espera depois”, reflete a/o estudante sobre o tempo que se passa dentro das escolas e a falta de preocupação em relação ao que vem depois da etapa básica de ensino. Apesar dela/dele ter participado de alguns programas universitários, sua escola tinha a intenção de influenciar na escolha profissional e levá-lo a cursos específicos: aqueles que têm a fama de proporcionar maiores remunerações. Como explica: “a escola também era uma escola que visava outros cursos sabe? Tipo Direito

sabe? Eles botavam uma pressão para que tu passasse em um curso que fosse um curso que ganhasse mais, então nunca passou pela minha cabeça vir para Pedagogia”. A despeito de ser a escola que apresenta, dentre as expostas nas entrevistas, a maior proposta de aproximação com as universidades, podemos observar que também é a que mais influencia nas decisões de suas/seus estudantes. Isso causa incertezas aos que não se vêm nas determinadas profissões, mas acabam internalizando que elas são melhores do que as outras por conta de sua possibilidade de remuneração. Em situações como essa, a escola retira a desejada autonomia de escolha e, em seu lugar, coloca uma visão elitista e reprodutora de desigualdades no que abrange às questões econômicas de profissionais – aceitando, desta forma, as narrativas já reproduzidas pela sociedade. Tais estigmas sobre determinadas carreiras como, por exemplo, a de ser professor emergiram em relatos de estudantes que foram desestimulados com falas como: “o professor vai morrer de fome, não vai dar dinheiro”.

A escolha profissional engloba outros fatores além da boa remuneração, como por exemplo, um “[...]ponto que é fundamental no processo de escolha são as opções oferecidas pelas profissões quanto ao campo de trabalho, isto é, quanto aos locais onde elas podem ser praticadas” (RODRIGUES, 1995, p.20). É extremamente complicado escolhermos uma profissão em que não nos sentimos bem no campo de trabalho, nos locais onde são executadas as tarefas referentes à profissão. O foco que a escola da/do estudante teve em cursos específicos, por conta de suas ofertas salariais, o estimula a ingressar em cursos que, possivelmente, não se sentirão realizados – podendo acarretar em problemas futuros, como a insatisfação profissional.

Uma fala que exemplifica o foco dessa escola na escolha de cursos específicos e o quanto isso afetou a escolha profissional do indivíduo é: “eu sempre acabava nunca indo nas oficinas da Pedagogia porque não passava pela minha cabeça mesmo, foi só depois que eu saí da escola”. Essa reflexão demonstra o quanto essa escola tentou decidir pela/pelo educanda/o qual curso ingressar. Ela/ele acrescenta que passou “muito tempo, 6 meses sem saber o que pensar em fazer de graduação mesmo”, e essa demora que vem em decorrência da má condução de uma instituição sobre o assunto, pode ser muito maior em determinados casos.

O foco da escola em profissões que remuneram mais causa, aos jovens, incertezas que resultam em erros nas escolhas profissionais. Mas tal supervalorização

de determinadas carreiras por conta de seus salários elevados não é uma exclusividade das escolas particulares, mas, sim um pensamento da sociedade, conforme expõe uma das entrevistadas quando diz: “é aquela coisa né. O professor vai morrer de fome, não vai dar dinheiro. Então é aquela coisa, ‘então vai fazer Engenharia, vai fazer Arquitetura, alguma coisa que presta, alguma coisa que vá dar dinheiro’, eu escutei em casa mesmo”. Essa estudante conta que tentou cursos como Engenharia Civil e Arquitetura (geralmente associados às boas remunerações), e, posteriormente ingressou ao curso de Matemática. Ela conta que a falta de ciência de como era a Matemática na universidade a fez desistir e que, depois de conversas com familiares que trabalham na educação, resolveu fazer pedagogia e focar em projetos com matemática – por ser o que ela gosta.

Uma vez que “a escolha profissional é entendida como sendo um passo importante na vida dos jovens que entram no mercado de trabalho” (FERREIRA, 2010, p.3), devemos refletir melhor sobre ela. A escola tem que se preocupar com o que a/o estudante que hoje está no Ensino Médio almeja fazer após concluí-lo. Será que ela/ele sabe o que abrange tal decisão? Será que conhece e sabe como funcionam determinados cursos? Será que ela/ele conhece a si mesmo a ponto de ter uma maior assertividade na sua escolha? Isso não quer dizer que vá resolver os problemas que emergem da escolha profissional, mas quer dizer preparar, ou informar a/o estudante para o que podem ser possibilidades após a conclusão da educação básica.

Se a escola tivesse esse olhar em relação à formação de suas/seus estudantes (algo que, através dos relatos, às escolas observadas demonstram não ter), histórias como a da estudante de Pedagogia que tentou três cursos antes de entrar no atual poderiam não ser tão recorrentes. Ela demorou cerca de nove anos para ter certeza do que queria fazer. Tal demora também pode causar desigualdades à medida que potencialidades são invisibilizadas pelas incertezas das escolhas. Diante de uma sociedade que preza pelo imediatismo, se torna extremamente prejudicial o estudante se formar no Ensino Médio sem perspectiva alguma de como será seu futuro.

6.4 POSSIBILIDADES PARA AS ESCOLAS

Após essas reflexões sobre o papel que a escola não está tendo nessa decisão dos jovens, paramos para pensar em possibilidades, para não ficarmos apenas em

críticas ao funcionamento educacional de modo geral. Conversando com as/os entrevistadas/os sobre a forma em que elas/eles acreditam que a escola possa auxiliar as/os educandas/os surgiram algumas ideias que irei explicar neste subcapítulo.

Uma das ideias que surgiu durante as entrevistas, foi exposta da seguinte forma: “Acho que poderia ser um projeto né, cada mês eles trouxessem um profissional da área para dentro da escola para falar sobre a profissão, quais perspectivas, acho que seria interessante.”, um movimento da escola de convidar profissionais, mesmo sabendo que existe uma gama muito grande de profissões, acredito que poderiam sim, fazer algum movimento, semelhantemente ao projeto “Feira de profissões”. De acordo com Albuquerque et al (2015, p 3):

“O projeto ‘Feira de profissões’ vem ao encontro dos anseios dos jovens estudantes no sentido de orientações e discussões acerca do mundo do trabalho e para isso contou com Oficinas de Carreiras, palestras voltadas à orientação profissional, orientação para os estudos, potencialidades da cidade, informações sobre o Mercado de Trabalho atual, destacando o que as empresas esperam do profissional. Também foi abordado os desafios encontrados no âmbito profissional e as oportunidades que surgem em nossa vida. “

Podemos pensar também numa conjuntura diferente, em que profissionais/estudantes de diferentes áreas possam ir para a escola falar sobre o curso e perspectivas da profissão que exercem. Observando essa ideia, poderíamos trabalhar as profissões dentro de um currículo, tentar incluir de alguma forma, ou como projeto da escola como a entrevistada propõe, acredito que a escola tem potencial para incluir e pensar essas possibilidades.

Outra sugestão que aparece é algo aparentemente mais simples, que está ligada a relação de professor e estudante, relata: “uma coisa mais impessoal né, a própria professora conversar com os alunos em sala de aula sobre isso.”, uma questão ligada a cultura da escola, muitas vezes as/os professoras/es estão ligados a escolha profissional como inspiração ou influência para seguir a sua área de atuação. Num dos gráficos de Duarte (2013), mostra que cerca 28% das/os estudantes de pedagogia de 2013 escolheram a profissão por influência de pedagogas/os e profissionais na área. Importante papel que tiveram na escolha da maioria das/os discentes do curso de Pedagogia de 2013.

Algumas decisões da escola podem parecer simples como “o que cada curso faz, e o que o aluno gostou mais ele tenta entrar naquilo, não quer dizer também que vá entrar, porque os cursos que são geralmente mais interessantes são os mais difíceis de entrar”, o simples fato de mostrar os cursos e o que eles fazem, pode ser um direcionamento interessante para as/os estudantes de ensino médio que geralmente nenhuma informação possuem sobre o tema. A segunda maior fonte de informação, cerca de 20% das/dos entrevistadas/os, que aparece no texto de Duarte (2013) são as informações que são encontradas na internet, ou seja, o sujeito procura questões referentes às profissões e obtém resultados sobre as perspectivas relacionadas à profissão pesquisada, é um movimento simples para quem tem internet, ou seja, cerca de 74,9% dos domicílios brasileiros de acordo com pesquisa do IBGE de 2017. Por que a escola não traz essas informações para dentro da sala de aula? Parece ser um movimento simples, de alguma forma estudar os interesses das/dos estudantes e trazer perspectivas das profissões interessadas até mesmo dentro de aula. Deixar a/o estudante ciente de algumas profissões, do que elas fazem, onde atuam, nem que seja de uma forma básica, me parece dever das instituições de educação básica.

A maturidade das/dos estudantes foi uma questão abordada por uma das/dos entrevistadas/os: “Acho que muito da escolha profissional depende de maturidade também” explicou que muito dos erros na escolha profissional dela foram devido a falta de maturidade: “tem muito aquela coisa de que tu gosta de Química, vai fazer alguma coisa relacionado a isso, mas muitas vezes não quer dizer isso”. Acredito que essa maturidade em que a/o estudante menciona, tem a ver com a experiência em que se há passividade, que atravessam o sujeito, de acordo com Larrosa (2002, p 24): “[..]o sujeito da experiência se define não por sua atividade, mas por sua passividade, por sua receptividade, por sua disponibilidade, por sua abertura. “. Essa reflexão de Larrosa (2002) me faz pensar sobre a importância da escola no processo como agente que proporciona essas experiências que atravessam o sujeito da experiência, como a/o aluna/o disse logo após “é uma questão de amadurecimento das ideias”, ou seja, a escolha nada mais é, ou deveria ser, o produto de um processo pensado, projeto que pensa o indivíduo e suas necessidades.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS SOBRE A PESQUISA

Após as análises, fica evidente a negligência existente na escola básica em relação à escolha profissional de suas educandas e de seus educandos. Isso ocorre pela falta de um olhar atento, pelo desprezo de profissões e pelo direcionamento do

olhar de sua/seu educanda/o para determinados cursos. Esses aspectos ficaram evidentes nas falas durante a pesquisa.

Percebendo isso, outros assuntos se tornam mais relevantes para a discussão, como a Base Nacional Comum Curricular, que traz em seu texto um discurso sobre o projeto de vida dos sujeitos da escola básica, não somente no discurso, mas propõe por meio de itinerários formativos que os indivíduos tenham autonomia na escolha, porém, aparentemente é apenas um discurso bonito, como reflito no capítulo 4 deste texto. Como levantado na pesquisa, o olhar das escolas em questão tem se inclinado para dar visibilidade para determinadas áreas profissionais, o que nos remete a uma preocupação quanto ao comportamento das instituições educacionais em relação ao assunto. Agora, com os itinerários e, sem a obrigação de disponibilizar todas as modalidades, a escola pode continuar reproduzindo essa forma de agir, porém, com respaldo da BNCC para aplicar essa visão em sua prática escolar.

Outro aspecto que aparece é a diferença entre a escola privada e a pública no que tange o assunto de escolha profissional, enquanto a primeira tem recursos financeiros para a execução de excursões às universidades, a segunda não vê um horizonte nessa perspectiva. As escolas privadas têm manifestado em seus discursos desde o ensino fundamental, uma preocupação, deixando presente a temática em questão, mesmo não sendo tão trabalhada assim. As escolas públicas que apareceram na pesquisa, em contrapartida às escolas privadas, pouco têm deixado clara a presença dessa escolha durante a educação básica. Embora exista essa discrepância evidenciada nas entrevistas, tanto as escolas privadas quanto as públicas não têm feito movimentos em direção ao tema, movimentos que proporcionem aos sujeitos mais clareza em suas decisões, retirando em alguma medida a insegurança dessa escolha.

Essa (des)atenção, perceptivelmente, também é mostrada através da (des)preocupação com a escolha profissional das/os educandas/os. Poucas escolas, nos relatos, se preocuparam em informar as/os estudantes sobre possibilidades de escolhas. Poucas também foram, as que utilizaram os programas universitários como ferramenta de estímulo e informação para as/os estudantes, e, quando utilizaram, tiveram um viés de intencionalidade sobre essa ação, para direcionar a decisão a determinadas profissões e por causa de parceria financeira com universidades.

A ausência de preocupação tem contribuído com as inseguras na escolha profissional, querendo ou não, do ensino fundamental até a conclusão do ensino

médio - etapas obrigatórias - são no mínimo 12 anos que as/os estudantes passam dentro da Escola Básica. É preocupante uma escola que demonstra produzir e reproduzir as mazelas na/da sociedade a respeito de algumas profissões, também é complicado aceitar que a escola de hoje tem, em certa medida, contribuído para as inseguranças dos indivíduos nessa etapa da vida.

Possibilidades também foram aparecendo nas falas das/os entrevistadas/os, como uma “Feira de Profissões”, como a mudança na cultura organizacional da escola. A “Feira” como um projeto que apresente as profissões para as/os estudantes e a cultura organizacional fazendo com que o tema atravesse a Escola Básica como algo real e relevante na vida de todas/todos.

O que ficou evidente nas entrevistas é que todas/os entrevistadas/os sentiram falta da escola nessa decisão, por discriminação de sua escolha, por falta de informações referentes a profissões, falta de abordagens que contribuam para essa decisão, pela intencionalidade da instituição em sobrepujar determinadas profissões. Fato é, a escola tem negligenciado a escolha profissional, não abordando a questão, revelando desinteresse, ou, um interesse desmedido para influenciar a opção de seus indivíduos. Tudo isso tem mostrado um despreparo das entidades educacionais com esse tema que é presente na vida de suas/seus jovens e adolescentes, a falta de percepção da relevância desse assunto para a formação dos indivíduos tem favorecido inseguranças e incertezas que poderão afetar no futuro de cada um.

Não observar isso, é negligenciar o sujeito que está dentro das instituições de educação básica, é não perceber a configuração de sociedade que temos, é favorecer desigualdades, favorecer inseguranças e frustrações. A escola tem o dever de se preocupar com este tema, porque suas/seus estudantes se preocupam, e como instituição que se apresenta como desenvolvedora plena do indivíduo para a sociedade, é necessário que forme cidadãos que possam ser seguros de si e de suas escolhas, pois “Ninguém nasce educador ou marcado para ser educador.” (Freire, 1991, p 58), assim também, tão pouco alguém nasce marcado para alguma ocupação. A Escola Básica deve contribuir na escolha profissional de seus indivíduos, não os direcionando, mas os informando das possibilidades, olhando de forma sensível para o tema e, por fim, a escolha ficará nas mãos das/os estudantes, mas, possivelmente, com menos inseguranças e incertezas, podendo evitar insatisfações sobre a profissão que escolheram e até mesmo, evitar desigualdades que surgem a partir das escolhas profissionais.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, F. M. P. et al. Projeto “Feira de Profissões: Um olhar integral ao adolescente e sua inserção no mundo do trabalho” In: XVI Jornada de Extensão, 2015. Santa Rosa. Salão do Conhecimento... Santa Rosa: Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, 2015.

BASTOS. Raul Luis Assumpção. Desemprego Tecnológico. In CATTANI, Antonio David; HOLZMANN, Lorena. (Org.). Dicionário de Trabalho e Tecnologia. 2a ed., Porto Alegre: Zouk, 2011 *apud* NOGUEIRA, Wallace Leite. O Trabalho frente a tecnologia bancária no Brasil. Piracicaba, 2017.

BASES, LEI DE DIRETRIZES E. da Educação Nacional. **LDBEN. Lei**, 1996.

BONDÍA LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista brasileira de educação**, n. 19, 2002.

BONI, Valdete; QUARESMA, Sílvia Jurema. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. **Em Tese**, v. 2, n. 1, p. 68-80, 2005.

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular (versão final). 2019. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br>>. Acesso em: 20 mai. 19

CASTEL, Robert. As transformações da questão social. In: BÓGUS, L; YAZBEK, M.C. e BELFIORE-WANDERLEY, M. (orgs.). Desigualdade e a questão social. São Paulo: EDUC, 1998.

DOURADO, L. F.; BUENO, M. S. S. O público e o privado na educação. In: WITTMANN, L. C.; GRACINDO, R. V. (Org.). Políticas e gestão na educação (1991-1997). Brasília, DF: Associação Nacional de Política e Administração da Educação, 1999. p. 53-62.

DUARTE, Marina Richter. Por que Pedagogia? Motivos de escola. 2013. 51f. Monografia (Graduação em Pedagogia) - Universidade Federal do rio Grande do Sul. RS. 2013.

EXAME. Página Institucional. Disponível em: <<https://exame.abril.com.br/carreira/estas-profissoes-podem-acabar-ate-2030-ao-menos-para-os-humanos/>>. Acesso em: 20 Jun, 2019.

FERREIRA, Ismael. Escolha profissional: Entre os sonhos, os ideais e o capitalismo. Revista de Iniciação Científica, v. 7, n. 1, 2010. □

FREIRE, Paulo et al. **A educação na cidade**. São Paulo: Cortez Editora, 1991.

GOMES, Martina Pereira. **Educação e Trabalho infanto-juvenil: um recorte no Estado da Arte**. 2009. 64f. Monografia (Graduação em Pedagogia) - Universidade Federal do rio Grande do Sul. RS. 2009. <http://hdl.handle.net/10183/27396>

INEP. **Censo Escolar de 2018**. Brasília: Inep, 2018. Disponível em: <<http://inep.gov.br/resultados-e-resumos>>. Acesso em: 27 abr. 2019.

MOTTA, Paulo Tadeu Rabelo da. O aluno mudou e eu nem percebi: Ensino Técnico, mercado de trabalho e estudo de perfis. Curitiba: Appris, 2016.

OLIVEIRA, Terezinha et al. Escola, conhecimento e formação de pessoas: considerações históricas. **Políticas educativas**, v. 6, n. 2, 2013.

PNAD, I. Pesquisa nacional por amostra de domicílio–pnad–acesso à internet e à televisão e posse de telefone móvel celular para uso pessoal: 2015. Coordenação de Trabalho e Rendimento. Rio de Janeiro. Disponível em:< <http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv95753.pdf>>. Acesso em junho de, 2019.

RODRIGUES, Eliane Arbex. Escolher a profissão. São Paulo: Scipione, 1995.

SARRIERA, J. C.; CÂMARA, S. G.; BERLIM, C. S. Formação e orientação educacional: manual para jovens à procura de emprego. Porto Alegre: Sulina, 2006.

SOARES, Dulce Helena Penna. **A escolha profissional**. Grupo Editorial Summus, 2002.

STANDING, Guy. O Precariado: a nova classe perigosa. Trad. Cristina Antunes. Belo Horizonte: Autêntica Editora. 2014. *Apud* NOGUEIRA, Wallace Leite. O Trabalho frente a tecnologia bancária no Brasil. Piracicaba, 2017.

UFRGS, Reitoria. **UFRGS - Portas Abertas**. 2018. Disponível em: <<https://www.ufrgs.br/portasabertas/>>. Acesso em: 24 abr. 2019.

ANEXO I

Termo de Autorização do uso de Voz

A presente entrevista, que terá como registro a gravação em áudio, servirá de base para a escrita do trabalho de conclusão do curso de pedagogia “*De que forma a Educação Básica projeta seu sujeito na escolha profissional? Uma perspectiva a partir de entrevistas com ingressantes de 2019 no curso de Pedagogia da UFRGS*” de Hélber Augusto Carneiro Vieira, orientado por Laura Fonseca. O pesquisador compromete-se a respeitar os valores éticos que permeiam este tipo de trabalho e garante que os dados e resultados individuais e grupais estão sob sigilo, não sendo mencionados os nomes dos participantes em nenhuma apresentação oral ou trabalho escrito, que venha a ser publicado. Compromete-se a esclarecer devida e adequadamente qualquer dúvida ou necessidade de informações que o participante venha a ter e assume o compromisso de que a participação nesta pesquisa não oferece risco ou prejuízo aos envolvidos. Após ter sido devidamente informada/o de todos os aspectos da pesquisa e ter esclarecido todas as minhas dúvidas, eu _____, Identidade n.º _____, concordo em participar dessa pesquisa.

Assinatura do participante

Assinatura do pesquisador

Dados do pesquisador: Hélber Augusto Carneiro Vieira – Graduando em Pedagogia – Faculdade de Educação – Universidade Federal do Rio Grande do Sul — helbercircus@gmail.com